

O FAROL



intrínseca

EMMA STONEX

O FAROL



EMMA STONEX

*Tradução de
Carolina Selvatici e
Diego Magalhães*



Copyright © 2021 Emma Stonex

TÍTULO ORIGINAL
The Lamplighters

REVISÃO
Eduardo Carneiro
Milena Vargas
Rayana Faria

DIAGRAMAÇÃO
Inês Coimbra

DESIGN DE CAPA
Katie Tooke, Picador Art Department

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Antonio Rhoden

IMAGEM DE CAPA
© Max Ellis

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
S885f

Stonex, Emma, 1983-
O farol / Emma Stonex ; tradução Carolina Selvatici, Diego
Magalhães. - 1. ed. -Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.
352 p. ; 23 cm.

Tradução de: The lamplighters
ISBN: 978-65-5560-254-8

I. Romance inglês. I. Selvatici, Carolina. II. Magalhães, Diego.
III. Título.

21-70771

CDD: 823
CDU: 82-31(410.1)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

NOTA DA AUTORA

Em dezembro de 1900, três faroleiros desapareceram de um farol remoto na ilha de Eilean Mòr, nas Hébridas Exteriores. Seus nomes eram Thomas Marshall, James Ducat e Donald MacArthur. Este livro foi inspirado e escrito como uma homenagem respeitosa a esse acontecimento, mas é uma obra de ficção. Não há, portanto, qualquer semelhança com a vida desses homens nem com suas personalidades.

I



1972



1

TROCA DE TURNO

Quando Jory abre as cortinas, o dia está tranquilo e cinzento, e o rádio toca uma música que parece conhecida. Ele ouve a reportagem sobre uma garota que foi vista pela última vez em um ponto de ônibus no norte do país e bebe uma caneca de chá preto fraco. A coitada da mãe está fora de si... Bem, e deveria mesmo. Cabelos curtos, saia curta, olhos grandes: é assim que ele imagina a garota, tremendo de frio, e um ponto de ônibus vazio onde devia haver alguém, acenando ou se afogando, e o ônibus para e sai, sem saber de nada, a calçada brilhando sob a chuva pesada.

O mar está calmo, com a limpidez do vidro, como sempre fica depois da chuva. Jory abre a janela e o ar fresco parece quase sólido, comestível, e tilinta entre os chalés da costa feito um cubo de gelo em um drinque. Não há nada como o cheiro do mar, nada parecido: salgado, limpo, como vinagre gelado. O dia está mudo. Jory conhece mares barulhentos e silenciosos, mares agitados e calmos, mares em que seu barco parece ser o último toque de humanidade em uma onda tão resoluta e revolta que nos faz acreditar no que não acreditamos, no fato de o mar ser algo entre o céu e o inferno, ou o que quer que exista lá em cima e o que quer que se espreite nas profundezas. Certa vez, um pescador lhe disse que o

mar tinha duas faces. É preciso aceitar as duas, disse o sujeito, a boa e a má, e nunca dar as costas a nenhuma delas.

Hoje, depois de muito tempo, o mar está do lado deles. Hoje eles vão conseguir.



Ele decide se o barco vai partir ou não. Mesmo que o vento esteja bom às nove, não significa que estará bom às dez e não importa o que ele veja no porto. Digamos que pegue ondas de pouco mais de um metro, ele sabe que vão chegar a doze metros de altura perto da torre. O que quer que aconteça na praia, vai estar dez vezes maior em torno do farol.

O novo funcionário tem vinte e poucos anos, cabelos louros e óculos grossos que tornam seus olhos pequenos, trêmulos. Ele faz Jory se lembrar de alguma criatura que foi mantida em uma jaula, vivendo sobre serragem. Está parado no píer, vestindo uma calça de veludo cotelê boca de sino, a bainha desfiada escurecida pela água do mar. O cais é silencioso de manhã bem cedo, apenas um passeador de cães e um engradado de leite sendo entregue. A pausa gelada entre o Natal e o Ano-Novo.

Jory e sua tripulação pegam os suprimentos do garoto — caixas vermelhas com roupas e alimentos para dois meses: carne fresca, frutas, leite de verdade, não em pó, um jornal, caixa de chá e tabaco Golden Virginia —, em seguida amarram e cobrem tudo com lona. Os faroleiros vão ficar felizes: estão comendo ensopado enlatado há quatro semanas e lendo o que quer que estivesse na primeira página do *Mail* no dia em que o último barco havia saído.

Na área próxima ao píer, a água arrota algas marinhas, sugando e lambendo as laterais do barco. O garoto sobe a bordo, os tênis de lona molhados, tateando as paredes feito um cego. Em um dos braços, ele carrega um pacote de objetos amarrados com barbante:

O FAROL

livros, um gravador, fitas, tudo o que vai usar para passar o tempo. Deve ser estudante. A Trident recebe muitos hoje em dia. Ele vai compor músicas, deve ser esse o hobby dele. No alto do farol, achando que aquilo, sim, é vida boa. Todos eles precisam de algo para fazer, ainda mais nas torres. Não dá para passar o tempo todo subindo e descendo a escada. Há muito tempo Jory conheceu um faroleiro, um artesão que montava navios dentro de garrafas. Ele passava todos os turnos no farol fazendo isso e terminava com trabalhos muito bonitos. Depois eles ganharam televisões e aquele faroleiro jogou tudo fora, literalmente jogou todo o kit pela janela, para que se perdesse no mar. A partir de então, ficava vendo TV por todo o tempo livre que tinha.

— Você faz isso há muito tempo? — pergunta o garoto.

Jory diz que sim, desde antes de você nascer.

— Achei que a gente não fosse conseguir — diz ele. — Estou esperando desde terça-feira. Eles me puseram em um alojamento na cidade que era muito bom, mas não o suficiente para alguém querer ficar lá por muito mais tempo. Todo dia eu olhava para o mar e pensava: “Será que vamos conseguir ir algum dia?” Isso, sim, foi uma tempestade. Não sei como vai ser lá no farol quando outra aparecer. Me disseram que a gente não sabe o que é uma tempestade até vê-la do mar, que parece que a torre vai desabar sob nossos pés e ser levada pelas ondas.

Os novatos sempre querem conversar. É o medo, pensa Jory, da travessia e da possibilidade de o vento mudar, do desembarque, dos homens no farol, de não se dar bem com eles, de como o responsável é. O farol ainda não é desse garoto; provavelmente nunca será. Substitutos vêm e vão, primeiro para um farol em terra, depois nas rochas, até que são jogados por todo o país como bolas de pinball. Jory já viu dezenas deles, ansiosos para começar e encantados com o lado romântico do trabalho, mas não há nada de muito romântico nisso. Três homens sozinhos em um farol em

alto-mar. Não há nada de especial, nada mesmo, apenas três homens e muita água. É preciso ser um tipo certo de pessoa para suportar a prisão. Solidão. Isolamento. Monotonia. Nada por quilômetros, a não ser mar, mar e mar. Sem amigos. Sem mulheres. Apenas os outros dois, dia após dia, incapazes de se afastar um do outro. Isso pode enlouquecer você.

É comum que tenham que esperar dias pela troca de turno, às vezes até semanas. Certa vez, um faroleiro ficou preso no farol por quatro meses.

— Você vai se acostumar com o clima — diz ele ao garoto.

— Espero que sim.

— E não estará tão irritado quanto o pobre coitado que vai voltar para o continente.

Reunida em tropa na popa, a equipe que vai substituir os faroleiros olha desolada para o mar, fumando e conversando por meio de grunhidos, os dedos úmidos encharcando os cigarros. Poderiam ser pintados em uma paisagem marítima austera, esboçados com tinta a óleo.

— O que estamos esperando? — grita um deles. — Você quer que a maré vire antes de a gente sair?

Eles também estão levando o engenheiro para consertar o rádio. Normalmente, em um dia de troca de turno, já teriam entrado em contato com o farol umas cinco vezes, mas a tempestade queimou o transmissor.

Jory cobre a última caixa e liga o motor. Então eles partem, o barco balançando e chacoalhando feito um brinquedo numa banheira sobre as marolas. Um bando de gaivotas briga em uma rocha coberta de berbigões. Uma traineira azul se aproxima, preguiçosa, do continente. Conforme se afastam da praia, a água fica mais agitada, ondas verdes saltam, cristas se tornam espuma e se dissolvem. Após a rebentação, as cores se misturam de forma sombria, o mar adquire um tom cáqui e o céu ganha uma tona-

O FAROL

lidade ameaçadora de cinza. A água bate e se espalha pela proa; trilhas de espuma do mar surgem e desaparecem. Jory mordisca um cigarro que ficou amassado em seu bolso, mas ainda dá para fumar, olhos no horizonte, fumaça na boca. Suas orelhas doem com o frio. Acima deles, uma ave branca voa em círculos no céu vasto e monótono.

Ele distingue a Donzela em meio à neblina, um pico solitário, distinto, remoto, a quase trinta quilômetros da costa. Sabe que os faroleiros preferem que seja assim, não tão perto do continente a ponto de poderem vê-la do atracadouro e se lembrarem de casa.

O garoto está sentado de costas para o farol. Que jeito engraçado de começar, de costas para onde se está indo, pensa Jory. Ele cutuca um arranhão no polegar. Seu rosto parece tranquilo e pálido, inexperiente. Mas todo marinheiro precisa se adaptar.

— Você já esteve em uma torre, meu filho?

— Estive em Trevose. Depois, em St. Catherine.

— Mas nunca em uma torre.

— Não, nunca em uma torre.

— Tem que ter estômago — diz Jory. — Você também tem que se dar bem com as outras pessoas, não importa como elas sejam.

— Ah, com isso não vou ter problemas.

— Claro que não. O faroleiro-chefe é um cara legal. Isso faz diferença.

— E os outros?

— Me disseram para tomar cuidado com o substituto. Mas vocês têm mais ou menos a mesma idade. Com certeza vão se dar bem.

— E o que tem ele?

Jory sorri ao ver a expressão do garoto.

— Não precisa se preocupar. O serviço é cheio de histórias, nem todas são verdadeiras.

O mar se agita e se debate sob o barco, correndo sombrio, batendo e espirrando. A brisa recua e desliza sobre a água, tornando-a crespa e dispersa. Várias gotas explodem na proa enquanto as ondas crescem pesadas e secretamente profundas. Quando era criança e pegava o barco de Lymington até Yarmouth, Jory olhava por cima da grade do convés e ficava impressionado com o modo como o mar fazia aquilo silenciosamente, sem ninguém perceber, o solo marítimo ficando mais profundo e a terra se perdendo. Se alguém caísse na água naquele ponto, chegaria a trinta metros de profundidade. Haveria peixes-agulha e cações-lisos: formas estranhas, inchadas e cintilantes, com tentáculos macios e curiosos e olhos iguais a bolinhas de gude foscas.

O farol se aproxima, uma linha se tornando um poste, um poste se tornando um dedo.

— Lá está. A Pedra da Donzela.

Eles já estão vendo a mancha de água em torno da base, a cicatriz do clima violento produzida por décadas de domínio do mar. Embora já tenha passado por isso diversas vezes, chegar perto do rei dos faróis sempre faz Jory se sentir do mesmo jeito: reprimido, insignificante, talvez um pouco temeroso. Uma coluna de cinquenta metros de engenharia vitoriana heroica, a Donzela surge palidamente magnífica no horizonte, um bastião estoico à segurança dos marinheiros.

— Ele foi um dos primeiros — diz Jory. — Mil oitocentos e noventa e três. Foi destruído duas vezes antes que a luz fosse finalmente acesa. Dizem que faz barulho quando o clima está ruim. Quando o vento passa por entre as rochas, parece o choro de uma mulher.

Os detalhes surgem da névoa: as janelas do farol, o anel de concreto do atracadouro e a trilha estreita de degraus de ferro que levam à porta de acesso.

— Eles podem nos ver?

O FAROL

— Agora, podem.

Mas, ao dizer isso, Jory procura a silhueta que espera ver no atracadouro, o faroleiro-chefe, em seu uniforme azul-marinho e chapéu branco, ou o assistente acenando para eles. Devem ter começado a vigiar o mar quando o sol nasceu.

Ele olha com cautela para o caldeirão ao redor da base do farol, decidindo a melhor maneira de se aproximar: se vai parar o barco de frente ou de ré, se vai ancorá-lo ou deixá-lo solto. A água gelada espirra sobre uma série de rochas submersas. Quando a maré sobe, as rochas desaparecem. Quando desce, elas emergem feito molares pretos e brilhantes. De todos os faróis, o Bispo, o Lobo e a Donzela são os mais difíceis de se atracar, e, se tivesse que escolher, ele diria que a Donzela ganha de todos. Os marinheiros dizem que sua construção se deu sobre os dentes de um monstro marinho fossilizado. Dezenas morreram durante a construção, e o recife matou muitos marinheiros que saíram de curso. A Donzela não gosta de estranhos; não recebe bem as pessoas.

Mas Jory ainda espera ver um ou dois faroleiros. Não vão deixar o garoto a menos que haja alguém na ponta do atracadouro. Naquele momento, com o nível da água subindo e descendo, uma hora ele vai estar três metros abaixo da plataforma e, na outra, três metros acima. Se o perder de vista, a corda vai se romper e os homens vão tomar um banho frio. É um negócio difícil, mas todos os faróis são assim. Para um homem da terra, o mar é algo relativamente previsível, mas Jory sabe que não: é inconstante e imprevisível e vai pegar você, se deixar.

— Onde eles estão?

Ele mal ouve o grito do companheiro em meio ao barulho da água.

Jory indica que vai dar a volta no farol. O rosto do garoto ganha um tom esverdeado. O do engenheiro também. Jory devia tranquilizá-los, mas nem ele está muito tranquilo. Desde que pas-

sou a vir até a Donzela, há muitos anos, nunca teve que dar a volta na torre.

O tamanho do farol fica nítido diante deles, puro granito. Jory vira a cabeça para a porta de entrada, situada quinze metros acima do nível do mar, feita em latão sólido e desafiadoramente fechada.

A tripulação grita; chamam pelos faroleiros e assopram um apito estridente. Em um ponto mais alto, a torre se afunila em direção ao céu, e o céu, por sua vez, olha para a pequena embarcação sendo jogada de um lado para outro, confusa. O pássaro reaparece, aquele que os havia seguido. Girando, girando, gritando uma mensagem que eles não entendem. O garoto se debruça sobre a lateral do barco e perde o café da manhã para o mar.

Eles são levantados e caem; esperam e esperam.

Jory olha para o farol, arrancado da própria sombra, e tudo o que ouve são as ondas, o estrondo e a espuma farfalhando, as pedras sendo sorvidas e lavadas. E só consegue pensar na notícia da garota desaparecida que ouvira no rádio naquela manhã, e no ponto de ônibus, o ponto de ônibus vazio e a chuva incessante e implacável.

2

ESTRANHO ACONTECIMENTO EM UM FAROL

The Times, domingo, 31 de dezembro de 1972

A Trident House foi informada do desaparecimento de três funcionários do farol Pedra da Donzela, que fica vinte e quatro quilômetros a sudoeste de Land's End. Os desaparecidos foram identificados como o faroleiro-chefe Arthur Black, o faroleiro assistente William "Bill" Walker e o segundo assistente Vincent Bourne. A descoberta foi feita ontem pela manhã por um barqueiro local e sua tripulação, que tentava levar um faroleiro substituto e trazer de volta o Sr. Walker.

Até o momento, não há indícios do paradeiro dos desaparecidos e nenhuma declaração oficial foi feita. Uma investigação foi aberta.

**EM 1972, TRÊS FAROLEIROS SOMEM DE UM FAROL REMOTO,
A QUILÔMETROS DE DISTÂNCIA DO LITORAL.
A PORTA DE ENTRADA DO LUGAR ESTÁ TRANCADA POR DENTRO.**

Os relógios estão parados — todos no mesmo horário. O registro do faroleiro-chefe descreve uma terrível tempestade, mas o céu está limpo.

O que aconteceu com os homens do farol? O mar revoltado sussurra seus nomes. A maré muda sob as ondas, afogando fantasmas. As águas algum dia poderão revelar o segredo deles?

Vinte anos depois, as esposas ainda lutam para seguir em frente. A tragédia deveria ter unido Helen, Jenny e Michelle, mas, em vez disso, as afastou mais. Quando um escritor aparece, tentando resolver o mistério, elas têm pela primeira vez a oportunidade de contar sua versão da história. Mas a verdade só virá à tona se tiverem coragem de enfrentar seus maiores medos.

Inspirado em fatos reais, *O farol* é um mistério inebriante e cheio de segredos que marca a estreia literária de Emma Stonex. “Escrito com perfeição”, segundo o jornal *The Guardian*, este livro é também uma história de amor e luto que explora de que forma nossos medos turvam os limites entre o real e a imaginação.

SAIBA MAIS EM:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1074/>